

ROUPAS QUE CONDENAM: TEATRO NA PRISÃO, ENTRE A HISTÓRIA E O PROCESSO CRIATIVO DO FIGURINO

Costa, Carla Aparecida da; Mestra;
Unirio; carla.costa@edu.unirio.br;

RESUMO

O presente artigo apresenta uma breve história do vestuário utilizado por pessoas que na história da humanidade foram prisioneiras e/ou escravizadas. Esse estudo se fez necessário para dar início ao processo criativo da montagem cênica “Mostre-me a saída”. A pergunta que conduziu essa pesquisa é: Como a forma de vestir marca na vida social dos condenados? Essa reflexão se deu entre o processo de pesquisa histórica e o processo de criação do figurino elaborado para a montagem que teve sua estreia em 2019. Mostre-me a Saída é uma adaptação livre do texto teatral Fuga, de Tennessee Williams. A história é contada em três camadas: a história dos personagens originais; as reflexões sobre a situação prisional no Brasil atual em sua complexidade e as histórias nas prisões do grupo de estudos e projeto de Extensão Teatro na Prisão. Pretende-se mostrar ainda como a vida pessoal e a experiência no presídio de cada participante foram fundamentais na criação, no processo colaborativo e materialidade do figurino que foi gerado.

O processo criativo do figurino durou aproximadamente dois meses e de início detectamos algo que seria fundamental na construção das visualidades da cena. Não era somente um grupo de pesquisa, um dos atores estava em regime semiaberto, era um grupo com experiências latentes e tudo cooperou para elaboração atmosférica da cena. A pesquisa histórica do vestuário foi muito além das leituras textuais, muitos subsídios foram fornecidos pelos próprios atores e o grupo de pesquisa. Assim, o campo da memória foi um campo de ativação e de familiarização por todos os envolvidos.

A pesquisa histórica é fundamental no processo de criação do figurino, é por meio dela que encontramos elementos pertinentes à narrativa. Assim, debruçamos sobre a historicização contida na obra "O Pano do diabo: uma história das listras e dos tecidos listrados" de Michael Pastoureau (1947). Na obra o autor dedica o capítulo "Riscar e Punir" para narrar a história dos uniformes dos prisioneiros desde a Idade Média. Aqui percebemos que a roupa do prisioneiro sempre teve sua função, não apenas de sinalizar o corpo condenado, bem como dizer que corpo é esse na ordem da sociedade, um excluído.

Segundo o autor o ato de riscar surge com intuito de punir e essa simbologia ganha espaço na história mundial das roupas. O uso das listras no vestuário teve várias modificações, produzindo ao longo dos séculos uma diversificação de sentido no universo material e simbólico das listras, boas e más, dentre as quais, as "más" listras sempre tiveram o valor como aquelas que puniam corpos infratores da sociedade. No século XIX, por sua vez, vemos o uso das listras acolhendo todas as práticas e todos os códigos que foram produzidos anteriormente. Assim, na Idade Contemporânea, os tecidos listrados continuam fortemente marcando corpos deportados para morte e no século XX atuando fortemente nos campos nazistas.

Todavia, uniformizar os corpos condenados é um ato de punição que vem desde a antiguidade, mesmo na nudez, quando homens e mulheres aprisionados pelo Império Romano tinham seus corpos despídos e expostos às condições desumanizadas. O indivíduo escravizado na sociedade romana era identificado pelos pés descalços e de forma alguma poderiam usar os *calcei*, sapatos romanos de cano alto. Assim, como na Antiguidade, o período Medieval também fez o uso do vestuário como forma punitiva para aqueles que ousaram transgredir a ordem civilizatória da sociedade. Acreditamos que o uso da uniformização é um modo de marcar os corpos condenados, mesmo na ausência da listras, seu uso é feito para classificar o sujeito dentro da sociedade. Segundo Pastoureau "o olho classifica melhor do que o ouvido e o tato, ainda que essa verdade não seja válida para todas as culturas" (1947, p.15).

A criação do figurino para a montagem foi pensada sobre essas reflexões, as roupas dos condenados atualmente não são listradas, embora nos Estados Unidos alguns presídios ainda utilizem desse recurso para identificar seus presos, em muitos presídios os uniformes são lisos, mas os signos na uniformidade são postos para sinalizar e classificar quem são os condenados da nossa sociedade.

Palavras-chave: Teatro na prisão; História do vestuário; Pano do Diabo; Figurino.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PASTOREAU, Michael. **O Pano do Diabo: Uma história das listras e dos tecidos listrados**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1993.